



**EFEITOS DA COVID-19 SOBRE AS FEIRAS LIVRES DO VALE DO  
JEQUITINHONHA MINEIRO**  
*EFFECTS OF COVID-19 ON FREE FAIRS IN VALE DO JEQUITINHONHA  
MINEIRO*

**Flávia Maria Galizoni**

**Professora da UFMG**

**flaviagalizoni@yahoo.com.br**

**Erick José de Paula Simão**

**Mestre em Sociedade, Ambiente e Território UFMG/NPPJ**

**erick-jdps@hotmail.com**

**Eduardo Magalhães Ribeiro**

**Professor da UFMG**

**eduardomr@pq.cnpq.br**

**Vitória Emanuely Souza Santos**

**UFMG/NPPJ**

**vitoria.emanuely89@gmail.com**

**Grupo de Trabalho (GT): 5 Agricultura familiar e ruralidades**

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é analisar os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre a comercialização de alimentos nas feiras livres do vale do Jequitinhonha e os arranjos adotados pela população para fazer frente a essa situação. Fruto de pesquisa de campo em 5 municípios, busca refletir sobre os efeitos da pandemia sobre agricultura familiar e soberania alimentar.

**Palavras-Chaves:** Agricultura Familiar, Covid-19, Alimentos.

***Abstract***

*The objective of this work is to analyze the effects of the Covid-19 pandemic on the sale of food at free fairs in the Jequitinhonha valley and the arrangements adopted by the population to deal with this situation. The result of field research in 5 municipalities, it seeks to reflect on the effects of the pandemic on family farming and food sovereignty.*

**Key words:** Family Farming, Covid-19, Food.

**1. Introdução**

O campo do vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais é, marcado pela presença da agricultura familiar e o meio urbano é constituído por pequenas cidades. Existe forte integração entre cidade e campo, simbolizada em expressões culturais, em laços de parentescos e por sistemas de abastecimento alimentar sintetizados emblematicamente nas feiras livres. São nelas que se encontram alimentos essenciais – da lavoura, da horta, do agroextrativismo, da produção animal e da indústria doméstica rural – que embasam a dieta cotidiana e reafirmam relações de pertencimento (RIBEIRO, 2019). As feiras livres que ocorrem nas cidades-sedes dos municípios são, assim, muito importantes para o abastecimento urbano, para a comercialização da agricultura familiar e para a soberania alimentar do Jequitinhonha. As feiras também são fundamentais para dinamizar a economia local, geram renda para os agricultores e para o comércio local: os mesmos feirantes que vendem também compram.



A situação originada pela propagação da Covid-19 afetou a dinâmica desse modo de vida, com influências sobre a família, que em sua maioria é formada por muitas pessoas idosas; sobre o trânsito entre cidade e campo; trazendo dificuldades na produção, consumo e na comercialização. O objetivo deste trabalho foi analisar os efeitos da crise sanitária sobre a comercialização de alimentos de famílias lavradoras nas feiras livres do Vale do Jequitinhonha.

## **2. Metodologia**

A pesquisa consistiu na análise comparativa de dados entre períodos distintos nas feiras livres de 5 municípios do Jequitinhonha: Minas Novas, Chapada do Norte, Veredina, Turmalina e Medina. A primeira base de dados resultou de levantamentos efetuados no ano de 2018 e 2020 – período anterior a pandemia causada pelo Covid-19. Em 2022, quando a situação sanitária permitiu a mesma metodologia foi repetida nas feiras desses cinco municípios.

Utilizando de metodologia desenvolvida por Ribeiro (2007) realizou-se a contagem de pontos de vendas de agricultores familiares nestas 5 feiras e, conjuntamente, um levantamento de diversidade das categorias de produtos comercializados. Assim foram contabilizados os pontos de venda da agricultura familiar que havia na feira de cada município e quais alimentos estavam comercializando. As categorias utilizadas foram: frutas, legumes e verduras (FLV); produtos transformados da indústria doméstica rural (IDR) como rapaduras, farinhas, queijos entre outros; açougues; animais vivos; artesanato; alimentos prontos; produtos da lavoura; leite de vaca; extrativismo; manufaturados; mudas e ornamentais; diversificadas quando combinavam mais de uma categoria de produtos; diversificadas com produtos da indústria doméstica rural; e outros.

## **3. Covid-19: impactos na agricultura familiar**

Nos municípios interioranos existe um vínculo entre a produção, aquisição de alimentos, população local e território. Famílias de agricultores produzem para o autoconsumo e para venda em feiras e mercados nos centros urbanos. Ao priorizarem estes canais de proximidade, valorizam os recursos locais, uma vez que a sua produção tem como base os recursos do próprio território (GAZZOLA E AQUINO, 2021).

A segurança alimentar foi testada durante todo o período pandêmico. As famílias de agricultores são chefiadas em boa parte por extratos da população mais idosos, colocando em risco a produção e conseqüentemente a ida aos mercados e feiras municipais (CASSEL et al., 2020). Mas não só dificuldades de abastecimento foram responsáveis pela deficiência alimentar, houve perda de renda em diversas famílias.

Medidas de distanciamento social fecharam feiras municipais ou reduziu o tempo de funcionamento, afetando diretamente a dinâmica produtiva das famílias agricultoras (BREINTENBACH, 2020; CLAUDINO, 2020). Mesmo nos locais onde as feiras permaneceram abertas durante a pandemia, que foram consideradas serviços essenciais, os próprios agricultores se viram obrigados a reduzir ou parar por completo a atividade, por medo do contágio e por dificuldades em conduzir a atividade seguindo as medidas sanitárias impostas (CLAUDINO, 2020).

Em diversos municípios os agricultores familiares perceberam a queda na demanda de seus produtos. Famílias de consumidores com menor poder aquisitivo aumentaram o consumo de ultra processados e de não perecíveis, uma vez que não conseguiam acessar alimentos *in natura*, pois tiveram sua renda afetada diretamente pela pandemia. Uma conseqüência em cadeia, pois a falta de demanda dos produtos da agricultura familiar também culminou na perda de renda deste grupo (NEPOMOCENO, 2021; CASSEL et al., 2020).



Os mercados são ferramentas importantes nas dinâmicas de produção e nos processos de reprodução das famílias, estes locais influenciam a vida, ali são construídos valores e fazem parte da cultura.

#### **4. As feiras livres nos municípios do Alto Jequitinhonha**

As feiras livres são, costumeiramente, os principais canais de comercialização das famílias lavradoras do Jequitinhonha, representam segurança e soberania alimentar (RIBEIRO, 2019). A feira oportuniza ainda a participação de uma miríade de famílias lavradoras: os “feirantes profissionais” que participam todas as semanas, que fidelizam os consumidores pela qualidade e especificidade de seus produtos, os agricultores que vendem de forma intermitente e sazonal e os que vendem “de vez em quando (RIBEIRO, 2019; CRUZ et al., 2020).

Ao investigar a produção, consumo e venda de alimentos pela agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha na situação de pandemia, chamou a atenção que, nos municípios estudados, o ano de 2020, por exemplo, foi um ano bom de chuva para a produção de alimentos, mas a grande dificuldade esteve localizada na dificuldade em escoar a produção, em vender frente situações de fechamento das feiras. Este aspecto foi observado também por Graziano (2021) para toda a América Latina: seu estudo indicou que as exigências sanitárias impostas pela pandemia afetaram mais diretamente a comercialização dos produtos *in natura* considerados mais saudáveis.

Na situação de pandemia, a maioria dos municípios no Jequitinhonha interrompeu a comercialização nas feiras por períodos que variaram entre um e seis meses, ou então as feiras funcionaram de forma intermitente, de acordo com maior ou menor incidências de casos de coronavírus, o que tornava muito difícil para os lavradores planejarem sua produção, principalmente de produtos sazonais; é difícil, por exemplo, estocar queijos por muito tempo, e boa parte das verduras tem prazo limitado para se manter frescas e tenras. Assim, frente as perdas de produtos devido ao fechamento das feiras e as normas de distanciamento social, as famílias, de forma prudente, reduziram o volume da produção sazonal, mantendo o provimento para o autoconsumo, mas restringindo os tamanhos dos canteiros.

A impossibilidade de vendas corroe as rendas de parte desses agricultores familiares da região, ocasionado empobrecimento. Esses impactos tiveram intensidades diferenciadas sobre os municípios estudados, mas ocorreu em todos, em alguns de forma mais acentuada.

O período de fechamento das feiras criou também dificuldades qualitativas para o abastecimento urbano, pois dificultou acesso aos produtos locais adaptados à pauta alimentar regional, ou seja, afetou a soberania alimentar. As vendas paralisadas nas feiras significaram também impacto cultural, nos hábitos e costumes de compras, na composição da dieta, que enfrentou restrição para adquirir produtos da indústria doméstica da agricultura familiar, como o deslocamento de circuitos curtos de comercialização que ocorriam na feira para aquisição de alimentos em supermercados e sacolões. Este tem sido um dos impactos, aparentemente, mais duradouro.

Após a abertura para o funcionamento regular das feiras, quando a pandemia estava em fases mais controladas, observou-se que os impactos sobre as feiras perduraram. O estudo mais detalhado em feiras indicou a dimensão desses efeitos, tanto no que diz respeito à oferta de alimentos, à renda dos agricultores familiares quanto à segurança e soberania alimentar do abastecimento alimentar da população urbana. Estes aspectos puderam ser analisados a partir da contagem de pontos de vendas nas feiras livres desses municípios, comparando-os com a linha de base de dados para essas feiras coletadas em 2018 e 2020, anteriores ao período de pandemia. Observou-se que, em abril de 2022, na feira de Turmalina permaneciam apenas 42,7% dos pontos de venda observados em 2018; idem em Minas Novas, que apenas 43,7%



dos pontos de vendas permaneceram, Veredinha com 49% e Chapada do Norte com 68,8%; em Medina, comparativamente a 2020, permaneciam 76,5% dos pontos de venda. Indicando o forte impacto da pandemia no tamanho das feiras, expresso na queda do número de pontos de venda da agricultura familiar.

Quando se investigou as categorias de tipos de produtos ofertados na feira, observou-se que, em 2022, tal qual em 2018 e 2020, a maior parte dos pontos de vendas da agricultura familiar ofertava produtos diversificados de horta, lavoura e da indústria doméstica rural (as farinhas, os doces, os queijos), mantendo, apesar da redução do número absoluto de feirantes da agricultura familiar, a diversidade de alimentos territorializados na dieta: o feijões andu e catador, a mostarda, o urucum, o frango caipira, rapadura, farinhas, requeijão, produto local. Destacou-se pontos com ofertas somente de produtos da categoria de frutas, legumes e verduras, que nos levantamentos anteriores realizados entre 2018 e 2019 não tinham presença marcante. Houve o grande aumento de produtos beneficiados pela indústria doméstica rural no período pesquisado, que por serem menos perecíveis suportam maior prazo de armazenamento sem perder a qualidade. Assim, também, revelam estratégias produtivas e de comercialização na pandemia.

### 5. Considerações finais

No Jequitinhonha, as feiras livres estão ligadas à cultura e história, são locais que resguardam alimentos de qualidade e territorializados. A comercialização de alimentos fundamentais para a dieta local foi afetada pela pandemia. Impactos na comercialização em feiras foram diferenciados entre municípios, alguns reduziram os pontos de venda para menos da metade do que fora encontrado outrora, no período anterior a pandemia. A circulação dos alimentos produzidos pela agricultura familiar representa a soberania alimentar de toda uma população. O não acesso a esses alimentos coloca em risco diversas famílias, causando impactos muito complexos para a soberania alimentar e o desenvolvimento territorial.

### Referências

- BREITENBACH, R. Estratégias de enfrentamento dos efeitos da pandemia na agricultura familiar. **Desafio Online**, v. 9, n. 1, 2021.
- CASSOL, A. et. al., Desenvolvimento territorial, Covid-19 e as novas estratégias de produção, comercialização e consumo de alimentos da Agricultura Familiar na Região Sul do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 16, n. 4, 2020.
- CLAUDINO, L. S. D. Impactos da pandemia de Covid-19 para a agricultura familiar paraense e a Agroecologia como um caminho para a superação. **UNIFESSPA-unidos contra a covid-19**, 2020.
- CRUZ, M. S. et. al., Agricultura familiar, feiras livres e feirantes do Alto Jequitinhonha. **Revista Campo-Território**, 15(35), Abr. de 2020, 90–120.
- GAZOLLA, M. AQUINO, J. R. Reinvenção dos mercados da agricultura familiar no Brasil: a novidade dos sites e plataformas digitais de comercialização em tempos de Covid-19. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 29(2). 2021.
- GRAZIANO DA SILVA, J. Transformación de los sistemas alimentarios: un desafío planetario. IN Graziano da Silva, et. al., D. **Sistemas alimentarios em América Latina e y Caribe – Desafios en escenario pospandemia**. Panamá, FAO y CIDES: 2021.
- NEPOMOCENO, T. A. R. Efeitos da pandemia de COVID-19 para a agricultura familiar, meio ambiente e economia no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 7, n. 21, p. 86-96, 2021.
- RIBEIRO, E. M. Do Engenho à mesa. BH: Editora da UFMG, 2019.